



MARIADITA

SENEPOL

JAGUARIÚNA



Recuperação de crédito pis e cofins no agronegócio

É sabido por todos nós que o agronegócio é o nosso maior setor produtivo, gerando alta diversidade e produção, além de conter diferentes benefícios tributários que podem ser aproveitados.

E se tratando destas oportunidades, vale ressaltar a que está relacionada ao PIS e COFINS, que em uma regra geral, as empresas atuantes no setor não possuem esta cobrança sobre as devidas receitas.

Mas como já foi citado, devido ao grande número de produtos e operações que o agronegócio gera, é imprescindível a avaliação do que está sendo produzido ou comercializado, já que seria imprudente generalizar e dizer firmemente de que todos estes produtos são beneficiados, por isso sempre é recomendado a atuação de um profissional especializado para tal identificação e assim após a análise se iniciar um trabalho de recuperação.

É importante destacar que estamos neste caso falando de contribuintes que estão enquadrados no regime não-cumulativo (lucro real), aonde é permitida a obtenção de créditos em suas aquisições, ou seja, créditos permitidos nas aquisições de insumos, produtos, despesas que possuem a característica de "conceito de insumos".

Tais créditos que serão acumulados no momento da apuração do contribuinte, podendo assim serem utilizados na compensação de alguns outros tributos federais ou até mesmo para solicitação de restituição, que

desta forma, será recebida pelo contribuinte em dinheiro diretamente em sua conta corrente.

Então, o que irá nos dizer a possibilidade de crédito ser ou não do setor do agronegócio, está diretamente relacionado ao tipo da atividade e regra para tal produto, missão esta que cabe a um profissional especializado.

Como quando falamos sobre a restituição seja ela de qual forma for, estamos tratando com Receita Federal do Brasil (RFB), órgão que é sabido por todos não serão simples como imaginamos, nos deparamos com a divergência entre as análises de diferentes profissionais, já que este assunto já circulou por diversos questionamentos e tribunais, mas é certo que a RFB possui seus termos legais para questionar tais créditos.

Há decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ) onde temos que o direito do crédito não é nenhum tipo de benefício fiscal, e sim, um direito constitucional do contribuinte, sendo este regido pelo princípio da não-cumulatividade, mas o primeiro passo para saber se a sua empresa tem ou não esse direito, é fundamental a avaliação de um profissional da sua confiança para que não haja problemas futuros com equívocos nesta apuração.

Dr. Caius Godoy (Dr. Da Roça), Advogado e Presidente da Comissão de Agronegócios e Assuntos Agrários da OAB Jaguariúna.

e-mail: caius.godoy@adv.oabsp.org.br

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação.

E como sempre finalizo, tchaaau obrigado!!



Embrapa apresenta recomendações para a conservação pós-colheita de raízes de mandioca de mesa



Com o crescimento nos últimos anos da comercialização de raízes de mandioca minimamente processadas acondicionadas em embalagens plásticas, surgiram alguns desafios a serem superados pelos produtores. Um deles foi como evitar o processo de deterioração fisiológica e microbiológica das raízes que se inicia nas primeiras 48 horas após a colheita e que é fator limitante ao armazenamento. Para ajudá-los nesse sentido, pesquisadores da Embrapa Cerrados publicaram algumas recomendações técnicas relacionadas ao processamento e acondicionamento das raízes.

O estudo foi conduzido pela pesquisadora Madalena Rinaldi, engenheira-agrônoma, doutora em ciência e tecnologia pós-colheita. Segundo ela, o objetivo é fornecer aos produtores e agroindústrias informações sobre as embalagens adequadas para o acondicionamento de raízes de mandioca minimamente

processadas utilizando o processo de vácuo garantindo, assim, a qualidade final do produto. “Nossos estudos buscaram avaliar a influência da espessura das embalagens e do processo de vácuo nas características físico-químicas e microbiológicas e na durabilidade do produto”, explica.

De acordo com a especialista, nos estudos foram utilizadas raízes de mandioca de mesa da cultivar IAC 576-70 minimamente processadas, acondicionadas em embalagens de polietileno de baixa densidade (PEBD) de espessuras diversas, com e sem vácuo, armazenadas na temperatura de 3 °C e 90% de umidade relativa. A embalagem a vácuo consiste em um processo de retirada do ar em contato com o alimento e selagem da embalagem. Para a manutenção do processo de vácuo, é necessário que a embalagem tenha as características adequadas principalmente relacionadas à sua espessura.

Embrapa dá oportunidade para agricultura digital e sustentabilidade

Empresas da área de TIC terão a oportunidade de integrar um processo de criação de laboratórios de agtechs. A iniciativa é liderada pela Embrapa Meio Ambiente e Embrapa Agricultura Digital, com o apoio da Secretaria de Inovação e Negócios da Empresa. O projeto recebeu financiamento do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), com recursos aplicados no aprimoramento da infraestrutura local para instalação de ferramentas de conectividade, sensores, máquinas e equipamentos.

Localizado em Jaguariúna (SP), o AgNest vai dar suporte para startups do agronegócio (agtechs e foodtechs) atuarem na criação, validação e demonstração de novas soluções. Serão estruturadas áreas experimentais com conectividade para realização de operações agropecuárias em cultivos diversos, espaços para desenvolvimento de

protótipos de soluções tecnológicas e para capacitações e eventos.

O empreendimento vai funcionar no modelo plug and play, em que as empresas parceiras e as startups, isoladas ou conjuntamente, podem acessar o ambiente de laboratório vivo para experimentações. O objetivo é impulsionar a geração de soluções baseadas, por exemplo, em internet das coisas, big data, inteligência artificial e automação, que busquem o aumento de eficiência e de produtividade dos sistemas de produção agropecuária, com sustentabilidade.

Dentre os critérios de classificação para participar, estão a atuação em inovação ou transformação digital para o agronegócio, a interação com startups e instituições de ciências, tecnologia e inovação e a adoção de políticas para melhores práticas ambientais, sociais e de governança (ESG).



Guia traz orientações para solicitar o reconhecimento internacional como Sistema Importante do Patrimônio Agrícola Mundial

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), por meio da Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo, atualizou o “Guia para elaboração de propostas ao reconhecimento internacional de Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial: Orientações aos postulantes”. O material é uma versão traduzida e adaptada do manual em inglês, elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO).

O documento fornece instruções para a elaboração de propostas nacionais ao reconhecimento internacional oferecido pelo programa Sistemas Importantes do Patrimônio Agrícola Mundial (SIPAM). Uma iniciativa da FAO que ressalta a importância global de sistemas agrícolas locais para a conservação

do patrimônio cultural e socioambiental, a segurança alimentar e nutricional, a proteção dos conhecimentos tradicionais e a conservação dos recursos fitogenéticos.

Além de indicar os conteúdos a serem descritos em cada seção do formulário de submissão, o guia contém notas explicativas sobre como elaborar e organizar os mapas geográficos e de uso e cobertura da terra, que devem ser apresentados junto às propostas.

“É importante destacar que o nosso Brasil possui sistemas agrícolas tradicionais com grande potencial para serem reconhecidos pelo programa SIPAM e nossa meta é apoiá-los para que alcancem essa conquista, pois sabemos que se refletirá em significativos benefícios para diversas comunidades tradicionais”, afirma o secretário de

Agricultura Familiar e Cooperativismo do Mapa, César Halum.

O guia é resultado de Projeto de Cooperação Técnica Internacional realizado por meio de parceria entre o Mapa, a FAO e a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) do Ministério das Relações Exteriores (MRE). No Brasil, com o apoio do Mapa, o Sistema Agrícola Tradicional (SAT) da Serra do Espinhaço Meridional de Minas Gerais, também conhecido como “Apanhadores e Apanhadoras de Flores Sempre-Vivas”, foi o primeiro a ser reconhecido internacionalmente como patrimônio agrícola mundial pela FAO. Em março de 2020, a ministra Tereza Cristina e a primeira-dama Michelle Bolsonaro realizaram a entrega do certificado aos apanhadores e apanhadoras de sempre-vivas durante a cerimônia

realizada em Brasília.

Os SATs são sistemas de produção nos quais elementos culturais, ecológicos, históricos e socioeconômicos interagem, formando diferentes arranjos e técnicas produtivas que, em seu conjunto, se mostram resilientes e sustentáveis, gerando paisagens características. São atividades produtivas como agricultura, pesca, extrativismo, beneficiamento artesanal, manejo florestal e outras, realizadas conforme o manejo adaptativo dos recursos naturais, as experiências acumuladas ao longo de gerações, a troca de saberes entre conhecimento tradicional e científico, a prática sobre a agrobiodiversidade, as inovações e adaptações produtivas frente às características do terreno e o arcabouço cultural de seus habitantes.

Uso de agrotóxicos leva agricultores a terem mais problemas no rim



O Brasil registrou mais de 770 mil mortes por insuficiência renal num intervalo de 14 anos, segundo

estudo feito por pesquisadores da Universidade Federal da Bahia. A doença é caracterizada quando os

rins param de exercer sua função de filtrar o sangue.

A relação entre o trabalho e

as mortes também faz parte do estudo. Os profissionais da agropecuária foram os mais afetados por complicações renais.

Entre 2006 e 2019 foi observado um aumento de 300% de casos na categoria, quase três vezes mais se comparado a outras profissões. Alguns fatores contribuíram para esse aumento, como explica Cleber Cremonese, professor do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA. Segundo ele, a exposição ao uso de agrotóxicos e a altas temperaturas estão associadas a maiores problemas renais.

Os pesquisadores utilizaram dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde, com os registros de óbitos por insuficiência renal como causa básica ou associada. Aproximadamente 50% das mortes foram causadas pelo tipo crônico da insuficiência, levando a uma lesão lenta, progressiva e irreversível dos rins.

Cerca de 45% foram casos de insuficiência renal aguda, quando se perde a função renal rapidamente e de maneira súbita. E os outros 5% das mortes foram declarados como insuficiência renal não especificada nos registros apurados.

Fonte: Radio Agência Nacional

Manejo integrado combate doenças do feijão-caupi com eficiência



“Doenças fúngicas do feijão-caupi no estado do Pará” é a publicação recém-lançada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) destinada aos agentes da cadeia produtiva dessa leguminosa no estado. A obra orienta como fazer o manejo integrado das doenças para evitar ou minimizar os danos provocados, utilizando-se várias medidas culturais agregadas.

Editada no formato de circular técnica, a publicação traz também fotos ilustrativas dos sintomas causados por fungos nos plantios, e serve como um guia aos técnicos e produtores paraenses. A obra está disponível no Portal Embrapa, de forma permanente e gratuita.

Ao apresentar um conteúdo diferenciado que visa minimizar as perdas na lavoura a partir do planejamento do cultivo, a circular técnica sobre as doenças fúngicas do feijão-caupi no Pará acaba se alinhando ao propósito de outros instrumentos de fortalecimento dessa cadeia produtiva, como o zoneamento agrícola de risco climático (ZARC) da cultura para o

Pará (o primeiro lançado em 2020), que também requer planejamento da parte dos produtores.

As vantagens do melhoramento genético conquistadas pela pesquisa e embutidas nas plantas cultivadas, como a alta produtividade e a resistência a doenças, costumam ser potencializadas com o bom manejo da cultura. Mas, conforme explicado na publicação, há casos em que o controle e a prevenção são possíveis somente por meio de manejo – situação que por si só já revela a importância e impacto de um trabalho como esse no meio produtivo do Pará, responsável por 30% do feijão-caupi produzido na região Norte (safra de 2019/2020).

Feijão da colônia

O feijão-caupi [*Vigna unguiculata* (L.) Walp.], originário da África, é alimento de interesse econômico e social no Norte e Nordeste do país, com cultivos mecanizados em franca expansão no Centro-Oeste. Apreciado no Brasil desde a segunda metade do século XVI, rico em proteínas, aminoácidos essenciais, carboidratos,

vitaminas, minerais e fibras, com ele se faz baião-de-dois, acarajé, saladas e outros pratos regionais.

Nos Estados Unidos é chamado de cowpea (pronuncia-se caupi), planta comum em jardins residenciais e símbolo de prosperidade. Tem também o tipo denominado black-eyed peas – aquele com o ponto preto no grão parecendo um olho. Já no Brasil os nomes populares do feijão-caupi são muitos, como feijão de corda e feijão macassar, dependendo da região de plantio. Os paraenses o conhecem por feijão da colônia.

Manejo programado

Para os autores da publicação, “o sucesso da cultura do feijão-caupi no estado do Pará está diretamente relacionado ao acompanhamento programado do cultivo”. Segundo eles, as técnicas de caráter preventivo, quando aplicadas no tempo certo e de forma eficiente, podem diminuir as perdas em volume e qualidade de produção decorrentes de condições de cultivo inadequadas.

“Nesse trabalho reunimos informações que permitem reconhecer facilmente os sintomas no campo e agilizar as decisões sobre medidas a serem adotadas contra a mela, a podridão cinzenta do caule, a mancha-café, a cercosporiose e a podridão de esclerócio, que são as doenças que causam perdas expressivas na cultura”, exemplifica Ruth Linda Benchimol, pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental (Belém, PA) e autora da publicação.

Há outras doenças de menor importância econômica, como carvão, mancha-alvo, oídio ou cinza e podridão das vagens, mas que também precisam ser manejadas, complementa a autora. Os resultados da pesquisa enfatizam a importância do manejo integrado das doenças, com adoção de várias práticas em conjunto, como é o caso da mela, cujo controle com medidas isoladas, de acordo com os estudos, não tem se mostrado eficaz.

A obra “Doenças fúngicas do feijão-caupi no estado do Pará” (clique sobre o título para acesso ao repo-

sitório Infoteca-e), resulta de uma pesquisa realizada no período que compreende os anos de 2011 a 2019, em campos do Marajó, Belém e Nordeste Paraense, este um tradicional polo de produção do grão no Pará.

Tradição de pesquisa

A Embrapa Amazônia Oriental tem tradição de pesquisa com feijão-caupi desde o início da década de 1960, quando a instituição ainda se chamava Instituto Agrônomico do Norte (IAN). A publicação mais antiga que se pode encontrar no Portal Embrapa (internet) especificamente sobre feijão-caupi data de 1962, intitulada “Feijão cow-pea”: primeiros resultados experimentais no IAN. É de autoria de Natalina Tuma da Ponte, engenheira-agrônoma do IAN pioneira nos experimentos com essa cultura na Amazônia. Uma das novas cultivares a serem lançadas em 2022 terá o nome da pioneira, BRS Natalina.

Antes da recém-lançada circular técnica sobre doenças fúngicas, a Embrapa Amazônia Oriental abordou a temática do feijão-caupi no boletim de pesquisa e desenvolvimento intitulado “Avaliação da produtividade de cultivares de feijão-caupi para cultivo no estado do Pará”, que pode ser acessado diretamente clicando-se no título. O próximo boletim, prestes a ser publicado, virá em inglês, “Phosphorus and zinc fertilization for cowpea in Amazonia”, sobre fertilização de feijão-caupi com fósforo e zinco em condições amazônicas.

São coautores de “Doenças fúngicas do feijão-caupi no estado do Pará”, ao lado de Ruth Linda Benchimol, os pesquisadores Francisco Rodrigues Freire Filho, Rui Alberto Gomes Júnior e João Elias Lopes Fernandes Rodrigues, da Embrapa Amazônia Oriental; Carina Melo da Silva, professora na Universidade Federal Rural da Amazônia; Renata Sena Cardoso, engenheira florestal, ex-bolsista PIBIC; e Raquel Giselli Assis do Rosário, graduanda de Agronomia na Universidade Federal Rural da Amazônia.

DICAS DO MUNDO PET

5 tipos de caminha que seu cachorro vai amar

A vinda de um cachorro filhote para família é muito animadora, incluindo a hora de preparar tudo para sua chegada. Ao pensar nos utensílios, é essencial levarmos em conta o bem-estar, principalmente escolhendo o lugar em que ele irá dormir e recuperar suas energias. Ao buscar por opções de caminha para cachorro filhote, provavelmente você irá se deparar com vários modelos. Para não errar na escolha, veja as diferenças e tipos de cama para cachorro:

1 - Cama almofadão

Essa é uma das mais populares. O modelo serve para cachorros de todos os portes e é bem fofinha. Geralmente são mais usadas por cachorros grandes, então, se seu filho de quatro patas for um filhote de raça de porte grande, este almofadão pode ser uma boa opção

não somente enquanto ele é filhote, mas principalmente por atender ao seu tamanho na fase adulta.

2 - Cama de laterais altas

Também chamada de cama-ninho, a cama de laterais altas é mais uma opção popular, super procurada pelos pais de pets aqui na loja da Petlove. Como o próprio nome já diz, as laterais do produto são mais altas, e no centro há uma almofada bem fofa.

Para filhotes é uma boa opção, porém, fique atento ao tamanho da cama. Seu filhote precisa ficar confortável, podendo se esticar e deitar sem ser incomodado pelas bordas.

3 - Cama box e cama divã

Esses dois modelos ainda são menos conhecidos pelos tutores, porém não deixam de ser boas

opções de caminha para cachorro filhote. Essas camas chamam a atenção pela beleza e sofisticação. Mas atenção: se seu filhote for do tipo que ama se sujar, vale considerar colocar uma capinha impermeável na cama ou escolher um tecido mais fácil de limpar.

Os modelos box e divã podem ser excelentes opções para filhotes, mas podem não ser a melhor escolha para um pet idoso, que tenha problemas articulares, por exemplo, pois sua altura pode exigir um esforço a mais na hora de tirar um cochilo.

4 - Cama iglu

Se o seu cachorrinho mora numa região fria ou se você já estiver se preparando pro inverno, a cama iglu pode ser o modelo ideal! A cama iglu é bem quentinha e geralmente feita para cachorros

de pequeno porte. Seu formato é, como o nome mesmo já diz, de iglu. Alguns modelos permitem que o tutor, ou até mesmo o pet (por que não?) abaixem o teto, fazendo com que a cama ganhe uma nova apresentação, com a lateral mais alta.

5 - Cama suspensa

Se anteriormente demos uma opção para lugares frios, aqui vai uma escolha para locais mais quentes. A cama suspensa não tem pezinhas e é fácil de limpar. É bem fresquinha, perfeita para seu cachorro filhote em dias de verão. É indicada para todos os portes, menos para pets idosos, devido à sua altura. Essa opção também é bem interessante para os filhotes que costumam destruir as camas mais almofadadas, pois seu material é bastante resistente.



Com quantos meses uma gatinha pode ter filhotes?



Ter uma gatinha ou um gatinho é muito especial, mas para isso, devemos ter algumas responsabilidades, como planejar a castração do felino. Em alguns casos, podemos adotar uma gatinha de rua prenha ou, por alguma razão, especular que nossa gata filhote esteja esperando filhotinhos também, e então vem a pergunta: com quantos meses uma gatinha pode ter filhotes?

Com quantos meses uma gatinha pode ter filhotes?

Segundo o médico veterinário de Pet Experience (PX) da Petlove, João Andrade, as gatas entram em seu primeiro cio, normalmente, entre o quinto e o nono mês de vida, e somando aos 63 a 67 dias de gestação, uma gatinha pode ter filhotes no seu sétimo mês de vida, aproximadamente.

Com quantos meses é o primeiro cio da gata?

Como vimos, normalmente o primeiro cio é entre o quinto e o nono mês de vida, porém, podem ocorrer raros casos em que o cio vem antes, assim como também existem raras gatinhas que entram no cio tardiamente, após o nono mês de vida.

Gata pode ficar prenhe antes

dos cinco meses de vida?

Uma gata não pode ficar prenha antes dos cinco meses de vida, porém existem as exceções em que a prenhez precoce pode acontecer, de acordo com o médico veterinário.

João explica que em ocorrências assim, é importante que o tutor leve a gatinha para um médico veterinário rapidamente, para que se analise a viabilidade da gestação, já que gatos dessa idade não estão com corpo e órgãos plenamente desenvolvidos, além de não terem maturidade sexual para ter realizado a cópula e nem maturidade de gestar seus filhotes.

Problemas da gestação precoce em gatas:

Entre os principais problemas que uma gatinha prenhe precocemente pode ter, estão:

- **Alterações volêmicas (na quantidade de sangue circulando pelo corpo);**
- **Alterações do sistema reprodutivo, como as conhecidas piometras (espécie de infecção uterina);**
- **Alterações em órgãos adjacentes pela compressão e disputa de espaço;**

- **Alterações nos membros e articulações;**
- **Morte fetal;**
- **Quadros de infecção generalizada.**

Por isso, é muito importante levar a gatinha prenha para uma avaliação do médico veterinário, para mais rapidamente tratar possíveis problemas de saúde.

Sinais de gatinha prenha

Entre os sinais que podem indicar que uma gata esteja gestando, estão:

- **Aumento de volume abdominal;**
- **Aumento de volume e vermelhidão das mamas;**
- **Sonolência;**
- **Maior apetite e, consequentemente, ganho de peso.**

Ainda há casos em que a gata pode manifestar enjoo e episódios de vômito.

"Outro comportamento que podemos observar é uma maior necessidade de atenção dos tutores, se mostrando um pouco mais dengosas e carinhosas, querendo proximidade", explica João Andrade.

É possível também que as gatas realizem a construção de ninhos em locais que elas avaliem seguros para terem os seus filhotinhos. Para esses ninhos, elas vão querer levar mantas e objetos que gostam, como brinquedos.

Como descobrir se uma gata está prenha?

O melhor método para confirmar que uma gata está prenha é por meio do exame diagnóstico padrão ouro, que é a ultrassonografia. Há também a possibilidade de realizar um exame radiográfico, porém, ele é mais útil para saber a quantidade de filhotes no final da gestação, e não a viabilidade da gestação.

O médico veterinário explica que atualmente já existem testes rápidos que podem ser úteis para levantar suspeitas. "A relaxina é um hormônio produzido pela placenta e que pode ser detectada por meio de amostra de sangue ou urina", diz.

Ao diagnosticar que uma gatinha está prenha, saiba que a gestação de um gato leva, em média, de 63 a 67 dias.

Pode interromper a gestação de uma gata?

Não é indicado interromper a gestação de uma gata, já que isso não é uma prática saudável, pois ela requer muita ação hormonal e causa mudanças fisiológicas no organismo da felina. Isso pode resultar, futuramente, em alterações do sistema reprodutor.

"Assim, salvas as ocasiões em que a gestação não apresenta viabilidade e pode ser um risco para a vida da gata, interrompê-la é contraindicado", comenta Andrade.

Como prevenir gestação de gata

Realizar a castração é o mais indicado é a melhor forma de prevenir a prenhez de uma gata. A castração é um ato de amor e deve ser planejada junto ao médico veterinário que acompanha a sua pet.

Gatos, independentemente da vida, não devem ter acesso à rua. Isso auxilia não somente na prevenção de crias indesejadas como garante a segurança e bem-estar dos felinos. As felinas (e os felinos também) devem ficar apenas dentro de casa, pois nas ruas, além de correrem o risco de ficarem prenhas, podem contrair doenças e sofrerem acidentes e atos de violências. Cuide do seu gatinho e o castre!